

NÚMEROS

5-6

(V. SÉRIE)



# ALMA

n o v a

MARÇO

DE

1928



A Sagrada Família, — Quadro de Rafael

<b>ASSINATURAS</b> (Pagamento adiantado) País = Cot. Extr. ANO (12 N.ºs)..... 25\$00 30\$00 SEM. (6 N.ºs)..... 13\$00 16\$00 <b>NÚMERO AVULSO 2\$50</b>	<b>ALMA NOVA</b> Fundador - Gerente: <b>MATEUS MORENO</b> Administrador: <b>MAMMÍ A. COSTA JUNIOR</b> Direcção: Dr. Emílio Salgueiro, Dr. Luís d'Oliveira Guimarães e Mateus Moreno Redactores - Secretários: Dr. F. d'Assunção Mendes, Dr. Gomes dos Santos e Hebelei de Bettencourt.	<b>REDACÇÃO — ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA</b> Travessa da André Valente, 7-1.º E. <b>LISBOA</b> Propriedade e Edição da Cooperativa Editora e Tipográfica <b>"RESSURGIMENTO"</b>
--	---	--

## S u m á r i o

Capa: — A Família Sagrada  
 Os nossos cooperadores e as amiguinhas da revista  
 Uma exposição de Arte  
 Arte e turismo: Das portas manuelinas.  
 Romantismo senil (soneto)  
 Marinhas  
 Festas e consagrações  
 Usos e costumes: Os Perus do Natal.  
 Tipos populares portugueses: O homem dos Perus.  
 Resenha artística: Música e Teatros  
 Resenha dos livros: O ano literário  
 Obras recebidas (impressões críticas)  
 A Arte e o Riso: Esboço do Riso através da Filosofia,  
 da Medicina, dos Cançoneiros, de alguns  
 Clássicos e de Locuções populares  
 Províncias, Ilhas e colónias: Impressões duma via-  
 gem através dos Açores

QUADRO DE RAFAEL (sec. XVI)  
 FOTOGRAFIAS  
 SAAVEDRA MACHADO  
 FOTOGRAFIAS  
 CRUZ MAGALHÃES  
 EMILIANO DA COSTA  
 REDACÇÃO  
 REBELÓ DE BETTENCOURT  
 SAAVEDRA MACHADO  
 NOGUEIRA DE BRITO  
 ADOLFO DE CASTRO  
 MATEUS MORENO

ARLINDO CAMILO MONTEIRO  
 M. GOMES DOS SANTOS

Em separata: *Lua de Mel*, comédia em 1 acto de Victoriano Braga. — Pelo texto: Figuras e factos

## Amigos da "Alma Nova"

\*\*\*\*\*

Aqui consideraremos todas as pessoas que nos obtiverem 30 assinaturas mensais, se subsciverem uma só vez com uma assinatura ou seu equivalente, ou harem prestado à «ALMA NOVA» qualquer auxílio material ou moral que lhes dêem em a esse título.

Todas as «AMIGOS DA ALMA NOVA» ficarão com direito a que o seu nome figure sempre nesta página, a receber a revista gratuitamente e a entrar livremente em todas as suas festas, exposições e conferências.

Iniciando a já numerada lista de boas e boas amizades, as quais poderão ser que se deve a manutenção da «ALMA NOVA», apêz-nos registrar até hoje as seguintes nomes:

DR. JAIME DA GRAÇA MIRA, Professor, e Diplomado em Farmácia.  
 SR. CRUZ MAGALHÃES, Escritor, Poeta, e honorífico fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro. — Lisboa.  
 DR. JOSÉ GUERREIRO MERTZ, Prof. Advogado, e Escritor. — Lisboa.  
 SR. FRANCISCO DAS DORES GONÇALVES Presidente do Centro de Algarve. — Rio de Janeiro.  
 DR. F. DO CARMO E CUNHA, Chefe de Rep. do Min. do C. e Advogado.  
 DR. D. BRANCA LOPES MARTINS, Professora, e Escritora. — Porto.  
 SR. D. MARIA MADALENA MARTEL PATRÍCIO, Escritora. — Lisboa.  
 « CONDESSA DE PRÓFANCA-A-VELHA, Escritora. — Lisboa.  
 SR. JOÃO SAAVEDRA MACHADO, Artista. — Pedruzinhos.  
 TENENTE SIMÃO VITÓRIA, Prof. e Escritor. — Luanda-Angola.  
 ENG.º A. VELOSO DE ARAÚJO, Proprietário, e Escritor. — Fátima.  
 DR. SÓFONES RATOIA, Escritor. — Lisboa.  
 CAP. FRANCISCO DA SILVA PINTO. — Lisboa.  
 DR. F. GODENHO CABRAL, Oficial do Exército, e Advogado. — Lisboa.  
 SE. J. AGOSTINHO FERNANDES, Industrial. — Lisboa.  
 TENENTE DE MARINHA J. RODRIGUES COSME. — Macau.  
 SR. JOSÉ DE SOUSA GAGÓ, Professor. — Sines.  
 « JOSÉ DE SANGA BARROS, Prof. e Artista. — Alfaiades.  
 DR. M. PEREIRA DA SILVA, Proprietário, e Jornalista. — Lisboa.  
 JOSÉ SÁRZEDAS, Guarda-direta. — Lisboa.  
 ANTONIO GOMES DA COSTA OLIVEIRA, Idem. — Fátima.

Continua)

\*\*\*\*\*

*A «Alma Nova» não faz política partidária.  
 — é uma revista puramente nacional. Ajudar a  
 mantê-la é, por isso, um dever de todo o bom  
 português.*

## Lógica... e interesse



— E V. garante-me que uma simples Acção da Cooperativa «Resurgimento» me dá direito a receber a «Alma Nova» sem gastar um centavo?

— E também lhe garanto que basta executar um trabalho na sua tipografia, para ficar imediatamente reembolsado do capital subscrito.

## Aos nossos Ex.<sup>mos</sup> assinantes

Por motivos estranhos á vontade da Administração desta revista, não poudes a mesma ser publicada pelo Natal, como annunciáramos.

Em nada ficaram, porém, prejudicados os nossos Ex.<sup>mos</sup> assinantes, visto as assinaturas serem pagas por números e não por meses.

Com o presente fascículo, que compreende os n.<sup>os</sup> 5 e 6, completam-se as assinaturas do 1.<sup>o</sup> tomo. Encontrando-se, portanto, á cobrança as quotas do 2.<sup>o</sup> tomo (n.<sup>os</sup> 7 a 12), rogamos a todos os que desejam que a revista se mantenha e progrida, a fineza de não demorem a respectiva liquidação.

Receberão o presente número gratuitamente, todos os novos assinantes que não nos devolverem o mesmo e satisfaçam imediatamente a importância dos n.<sup>os</sup> 7 a 12.

Recortar adiante o 1.<sup>o</sup> oitavo da comédia em 1 acto "Lua de Mel".

No próximo número: conclusão e capa.

### ■ Não deixe de lêr: ■

O Diabo, Mestre de Dança

— DE —

Luis d'Oliveira Guimarães

Livro que tem o sabor dos pecados de Eva

Preço ≈ 7550

Campanhas Camilianas

— POR —

Cruz Magalhães

— E —

Oldemiro César

Preço ≈ 4500

**Eduardo Guerra**

AFINAÇÃO E COMPRA DE PIANOS  
LIÇÕES DE SOLFEJO

E

**V i o l i n o**

RUA ERNESTO DA SILVA, B - 1.<sup>o</sup> D.<sup>o</sup>

≈ ≈ ≈ BAIRRO NOVO — ALOÉS ≈ ≈ ≈

**ROYAL-PHOTO**

Atelier de Arte Folográfica

SANTOS & RAPOSO, L.<sup>DA</sup>

Grand Prix

Exposição

Int. do Rio

de 1923

Rua do Carmo, 55 — 1.<sup>o</sup> (AO CHIADO)

L I S B O A

# Dos prelos da "Ressurgimento"



## Novidades Literárias



**O Diabo, Mestre de dança** — por Luís d'Oliveira Guimarães. Edição da Coop. Ressurgimento, — Lisboa, 1927.

O dr. Luís d'Oliveira Guimarães acaba de enriquecer a sua já vasta galeria literária com mais um encantador volume de crónicas a que pôs o título jazz-bândico, quasi modernista, de *O Diabo, Mestre de dança*.

Temos sempre um particular deleite em ler os livros deste elegante escritor, cujas páginas, por vezes perniciosas, mas sempre agradáveis, os nossos olhos percorrem e saboreiam como quem toma uma chávena de café.

Viajado e culto, observador e esteta, Oliveira Guimarães não se limita a surpreender os pequenos nada, as futilidades da vida, os seus contrastes e mentiras, no que estas lhe oferecem de frívolo ou ridículo; ele ausculta também por vezes os segredos íntimos dos seres e das coisas, embora o seu espírito-borboleta não se prenda jamais a elas. E bem faz. Que a vida não se fez para andarmos tristes, mas para vivê-la... sorrindo.

"Bagos de Romã", — por Alberto Rebelo.

Alberto Rebelo, joven actor da companhia Lucilia-Enrico não é apenas actor mas também poeta. Bastaria este livrinho-estrela, — «Bagos de

Romã» — para no-lo impôr como tal, se outras produções dum novo trabalho que brevemente vai entrar no prelo, não fossem já também do nosso conhecimento.

«Bagos de Romã» agora publicado, é um livrinho pequeno — um livrinho singelo em que os olhos não adormecem, porque não tem que demorar-se muito sobre cada página. Cincoenta quadras apenas cinquenta pequeninos baços duma embriagante doçura. Ora provem:

Foste á fonte buscar água  
E na fonte me encontraste,  
Sem saberes, nesse dia,  
Mais do que a água levaste.

Ou então:

O beijo que tu me deste  
Para que o destes assim?  
Se quando tu me beijaste  
Não me beijastes a mim!

E ainda:

Cabelo negro, em aneis,  
Caindo-lhe sobre o rosto...  
Hei de sempre descobrir  
Coisas que deem desgosto.

O mesmo livrinho é prefaciado pelo conhecido dramaturgo sr. Victoriano Braga. — M.M.

## Registo de entradas

Revistas e jornais:

— **Nação Portuguesa**, semanário do n.º **O Brasil e o Hispanismo** (conclusão), por António Sardinha. **Crónica Internacional**, por Pedro Correia Marques. **Da Particula «Se» portuguesa**, por R. de Sá Nogueira. **Portugal regional**, por António Martins Afonso.

— **Dos Prelos**. É o título dum utilissimo **Boletim de Novidades bibliográficas** que a Parceria António Maria Pereira começou a publicar. No n.º: 4 Ensinamentos aos bibliófilos: I — **Ex-libris**, por M. Cardoso Marta.

— **Notícias do Sul**: — É um brilhante semanário Regionalista independente, que sob a direcção do inteligente algarvio sr. António do Nascimento acaba de ver a luz da publicidade em Vi'a Real de Santo António.

— **«Portugal-América»** — Revista Portuguesa mensal, que se publica em New-York, sob a gerência do sr. João R. Rocha e a direcção literária de Branco Torres. O último número insere colaboração do professor Dr. Fidelino de Figueiredo, Fred. Rosa, Conceição Junior, etc.

## Dois êxitos de livraria

Como se aprende a Conversar, pelo Dr. José Guerreiro Murta. Edição da Livraria Sá da Costa.  
A Nova Guerra e Artilharia, pelo ten. Mateus Moreno. Edição da Cooperativa Ressurgimento.

Na útil colecção «Estudar é Saber», que o Dr. José Guerreiro Murta, convidado pela Livraria Sá da Costa, em boa hora iniciou, «Como se aprende a conversar», o terceiro volume da brilhante série, é, talvez, um dos que melhor assinalam as virtudes literárias e pedagógica do já consagrado escritor que o deu à estampa. O Dr. Murta afirma-se definitivamente neste livro, não só como erudito mas como estilista também. Assim se compreende o êxito formidável que o livro alcançou e continua tendo.

O outro livro que marcou também, não só no mercado literário, mas ainda na opinião crítica, foi o novo volume do nosso camarada de redacção e culto militar, tenente de artilharia Mateus Moreno. Quasi todas as unidades e estabelecimentos militares não esperaram a determinação superior para a aquisição de tão oportuno livro.

Quere alegria e bom-humor  
? leia ?



A MAIS GALANTE  
E A MAIS ARTISTICA

## Revista Portuguesa de Humorismo

A' venda os n.º 1 a 3. A sair brevemente o n.º 4. Avulso: 1\$50. Assinatura seis n.º: 8\$50  
Pedidos á Travessa de André Valente, 7-1.º E.º — LISBOA

# D E S E J A

TRABALHOS  
TIPOGRÁFICOS  
ARTÍSTICOS

E

# B A R A T O S

?

Faça-se sócio da Cooperativa Editora  
+ RESSURGIMENTO —  
T. d'André Valente, 7 — 1.º E. — LISBOA  
Sócios de consumo: 1 acção anual de 20\$00  
\* \* interesse: títulos de 25 acções.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**Direito  
Português**

E

**BRASILEIRO**

—  
**Manuel Gomes dos Santos**

(ADVOGADO)

(COM PROCURADORIA NO BRASIL)

—

R. VICTORI, 53 — 3.º

Telefone — C. 3156

**L I S B O A**

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**Fragoso  
Fernandes**

Advogado



RUA DO CRUCIFIXO, 75-1.º



TELEFONE C. 310



**L I S B O A**

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

ALMA  
NOVA  
REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL

UMA EXPOSIÇÃO  
DE  
ARTES



Campanhas d'Africa. — Em marcha

**N**UM dos últimos dias do ano findo encerrou-se, na Sociedade Nacional de Belas Artes, um belo certame artístico — dos melhores que ultimamente se têm realizado entre nós — e encerrou-se tal como foi inaugurado — sem réclames de prosa laudatória ou noticiarios extensos nos jornais. Era expo-

sitor um ilustre oficial superior do nosso exército, o ten-coronel José Joaquim Ramos. A atitude quasi silenciosa das gazetas correspondeu também um certo indiferentismo público, tão peculiar no nosso meio quando se trata de coisas d'Arte.

O pintor José Joaquim Ramos, com quem tra-



Campanhas d'Africa. — A sêda

vâmos conhecimento há já bastantes anos, e pelo qual ainda hoje mantemos sincera estima e leal camaradagem, pertence ao número, cada vez mais reduzido, dos verdadeiros e delicados paladinos da beleza, eternos sonhadores ou nobres exilados, que procuram no recolhimento calmo dos *ateliers*, ou na contemplação amorável da natureza, o encanto espiritual das mais puras emoções. Trabalhador metódico, desafectado e culto, cedo se deixou empolgar pela Arte e de há muito que tem vindo a perscruti-la e adorá-la silenciosamente, possuído da mais comovida e duradoura das afeições, sempre cheio de inexcedível e enternecedora persistência, como namorado fiel que não falta aos combinados encontros nem olvida jámais os seus amores... Que Joaquim Ramos tem sido um devoto constante e fervoroso da beleza, além dum obreiro incansável digno de todo o apreço, prova-o, sobejamente, a sua exposição que visitámos e na qual admirámos 117 trabalhos de pintura a óleo, desenho e água forte. Claro que nem todos estes trabalhos obedecem a uma técnica homogênea, nem o seu autor desejou, ao expô-los, fazer entre eles uma selecção rigorosa. E procedeu bem. Se a fizesse, julgamos que Joaquim Ramos esconderia injustamente dos apreciadores uma parte notável da sua arte e da sua original personalidade artística—um tanto ou quanto nómada—que têm andado encoberta, caso curioso e raro!, sob uma farda de oficial do Estado Maior do nosso exército. O pintor, que percorreu alguns dos

mais diferentes recantos do mundo, nem sempre teve o tempo necessário para os estudar devida e atenciosamente, como desejaria. Mas isso, a nosso vêr, nunca seria razão forte para deixar de expôr junto dos seus trabalhos de maior responsabilidade, essa adorável série de pequenos estudos onde soube fixar algumas deliciosas impressões! Podem nem todos impôr-se pela consistência dum desenho sólido, mas valem, inegavelmente, pela espontaneidade e frescura da côr, e ainda pelo sagrado poder da evocação.

Todos estes pequenos apontamentos tem a sua história: Relatam um facto, um episódio, sugerem qualquer recordação estimável.

Há na arte do nosso pintor uma resumida parte de *academismo* e uma ânsia bem manifesta — e até por vezes afirmada — de *modernismo*, mas este sem alguns simpáticos exageros dum Picasso ou dum Luc Albert Moreau. Monet não teria deixado de admirar, se as tivesse observado como nós, as formosíssimas telas intituladas "Olaias", e "Noite chuvosa", ambas de surpreendentes e admiráveis efeitos de luz. Desdobrando-se, multiplicando-se, abrindo asas ao seu espírito curioso e vibrátil, José Joaquim Ramos é um paisagista de sentimento que afirma o seu valor nos quadros intitulados "Anoitecer", "Manhã nevoenta", "Entrada de solar", "Ponte", "Paisagem africana" e "Dongos abandonados": é um pintor etnógrafo que se revela nos trabalhos que têm por título "Fiandeira", "Capuchinha do Barroso", "Arraial", "Quintal alentejano", "Spadaro" e "Romeira da Agonia": é um pintor de marinhas, nas suas telas "Praia de Cabedelo", "Mar nevoento", "Tirando o barro", "Mar tranquilo", "Na praia", e outros; é um desenhador muito apreciável nos flagrantes apontamentos d'"A vida a bordo", "Flores d'Africa", "Monda-deiras", "Pastor alentejano", "Casa de Colono", e tantos mais.

Em todas as suas diferentes modalidades a arte de José Joaquim Ramos não acusa apenas uma técnica fácil, laboriosamente ganha em largos anos de aturado estudo, estando muito perto de vencer em absoluto as maiores dificuldades; ela mostrar-nos também a realização, parcial, ou completa, dum sonho intensamente acarinhado, a fé inquebrantável por um ideal superior, e ainda — forçoso é dizê-lo, embora isto vá ferir a modéstia do homem e do militar — uma grandeza de alma de verdadeiro artista bondoso e complacente. O sentimento, a melancolia, a factura habitualmente amorosa e bem sentida da quasi totalidade dos quadros de Joaquim Ramos, e até os nomes de batismo de alguns desses quadros, como sejam os intitulados: "Friorentos", "Irmãos", "No asilo de caridade", "Céguinha", etc, fazem do pintor também um poeta estranho, cheio de emoção. E ainda nos trabalhos em que ele trata exclusivamente de assuntos militares, se revela, sem dúvida, o seu temperamento bem amorável e humano. Por mais que tivéssemos procurado não conseguimos descobrir nesses trabalhos a menor revelação

dum temperamento imperioso de militar no que este possa ter de combativo ou de violento. Nada que nos fizesse recordar algumas telas de Menzel, de Meissonier, de Morot, de Neuville, ou de Detaille. Diante dos quadros de José Joaquim Ramos ficamos surpreendidos, porque não vimos o desencadear tempestuoso das batalhas, não assistimos ao rodar tremulante e pesado dos canhões, às loncas arremetidas à baioneta, nem às impetuosas cargas de cavalaria. Ausenta-se das suas composições pictóricas a representação da luta do homem contra o homem, as suas violências sanguinárias, tudo quanto nêle ainda existe de animalidade incontestada e grosseira... Nas telas militares de Joaquim Ramos o homem luta, é certo — mas luta contra as intempéries do clima, contra os obstáculos do caminho, ou contra as agruras da sede. Não fere nem mata o seu semelhante. Pelo contrário: auxilia-o, como se mostra num dos quadros d' "A sede". A sua heroicidade é calma; simpática e resignada. Basta olharmos para a formosa tela intitulada "A marcha" e observarmos as expressões fatigadas e tristes, os gestos descompostos, quasi abandonados, daquelas figuras sofredoras que vão caminhando dignamente, curvadas ao sagrado cumprimento dum dever, subjugadas e atraídas pelo mistério do seu destino! Elas ficam-nos bem gravadas na alma — por tudo quanto possuem de flagrante verdade, de intensidade expressiva, de abnegação comovedora, de poderosa força emocional e de inapagável beleza.

*Suavedra Machado*



Campanhas d'África — A sede

## R o m a n t i s m o   S e n i l

**U**ma vez só te vi remotamente,  
Soberba e nua, estátua de museu!  
Olhos em fogo, mas severa a mente,  
Pude conter-me, e fiz-me estátua eu!

Tudo em meu sêr exausto se perdeu!...  
Ficou-me essa visão resplandecente,  
Que o destino falaz me concedeu...  
Para sempre a sentir de mim ausente.

Ao findar-se esta vida tormentosa,  
Um só desejo lindo me apetece,  
Nêle minha alma extasiada goza.

Lembrança vã, que tanto me entenece:  
Rever-te envolta em nuvem côr de rosa  
Formada pelos beijos que te desse.

Junho de 1922

CRUZ MAGALHÃES

# Arte e Turismo

■

DUAS FORMOSAS  
PORTAS MANUELINAS  
NUMA HISTÓRICA  
POVOAÇÃO DO  
ALGARVE

■



Outra porta manuelina da igreja matriz de Salir.



Porta principal, em estilo manuelino, da igreja matriz de Salir.

Já algures o escrevemos e o sr. dr. Leite de Vasconcelos o confirmou em um dos números do *Archeólogo Português*, o Algarve não é prodigo em monumentos das eras passadas; no entanto, o investigador alguns lhe encontrará ainda, onde possa recrear o espírito cioso de gratas evocações.

As 2 portas manuelinas que hoje reproduzimos pertencem á igreja Matriz de Salir, histórica povoação do coração do Algarve, pertencente ao concelho de Loulé, àcerca da qual publicaremos no próximo número um belo estudo do sr. Manuel Moutinho.

# ACTUALIDADES

## FIGURAS E FACTOS



Dr. JOSÉ PEREIRA FAÍSCA

Com o espírito de elite e nesso querido assinante, que no conselheiro de Oran (Argélia) soube conquistar as melhores simpatias e que do mesmo consulado acaba de ser transferido para o de Fiume (Itália).



DR. JOAQUIM JOSÉ DE BARROS  
Licenciado em sciencias histórico-generaes pela F. S. de U. L., cujo thesa de Doutoramento, sob o titulo "Sociologia Biologica", um curioso e novo trabalho que coloca o seu autor entre os nomes mais reconhecidos investigadores scientificos.

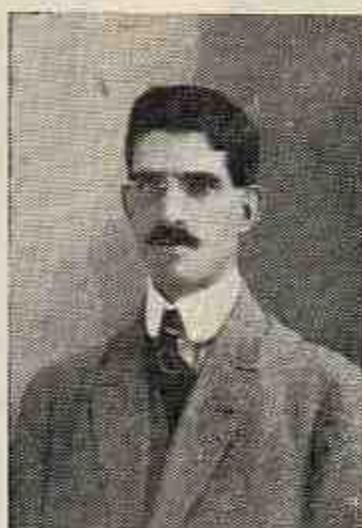


MEMINA MARIA TEREZA ESPADONHA MILREU,

gentil filha do capitão de infantaria sr. Manuel Pereira Milreu, de Faro, e uma das mais distintas alunas do liceo de João de Deus, no dia da sua primeira communhão.



DR. M. GOMES DOS SANTOS,  
que foi eleito Presidente do Officio Académico de Lisboa.



NUNO CATARINO CARDOSO  
Nesse velho amigo e collaborador, que foi recentemente condecorado com o grau de Official da ordem Militar de S. João da Espada e a quem mais uma distincção acaba de ser conferida: a sua colocação definitiva no lugar de chefe de Secretariado Geral do Ministerio da Agricultura, que interinamente desempenhava desde 1926.



O distinguido aviador capit. Gonçalo,  
cujas memórias gloriosas  
colhebra recentemente homenageas.



Dr. ASCENSÃO CONTRERAS

Universitário público em Lisboa, é um velho e indelével amigo da «Alma Nova» e que se encontra a dirigir a cadeira de estabelecimento terminal da mesma universidade «As Almas da Esquerda».

\*\*\*\*\*

## Os nossos cooperadores

\*\*\*\*\*



MARIA DA GLÓRIA MESTONÇA MORENO

Interessante filha de nosso bom amigo e director seguinte, senhor José Fombe Moreno, cujo professor do Liceu de Faro, e que actualmente se encontra passando umas temporadas em Lisboa com sua mãe.



Dr. YRAGOSO FERNANDES

Trabalha activamente em Lisboa e possui propriedade em Alentejo. Representa a família das nossas famílias de cooperadores de Lisboa, que é a «Alma Nova» e a Cooperativa «Renascimento» acaba de chegar a um apoio. Inscrevem-se no número das suas sociedades.

\*\*\*\*\*

e

\*\*\*\*\*

as

amiguinhas

da

'alma

nova,



EMA CALADO DO CARMO E CUNHA

Grata filha de nosso querido amigo sr. Américo do Carmo e Cunha, de primeiro escalão de idade em Lisboa, é uma das mais lindas e amigáveis amiguinhas da «Alma Nova».

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

N O M U N D O

d a  
L s  
e  
t  
r  
a



ALBERTO RESELO  
que publicou o livro de quadras,  
«Sapo de Ruim»



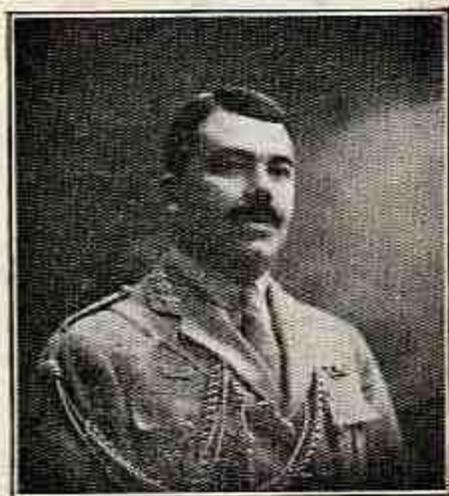
DR. M. F. DO ESTANCO LOURO,  
autor do livro  
«Os Lascivios e o Furo Português»



DR. EDGAR MONTE BARRETO D'ABAGÃO  
(Pêssimo de Vilas)  
O grande poeta baiano, de quem sairá por tudo o mais próximo,  
dois livros de Romantismo, o livro póstumo "Poetas Escollidos",  
publicado por Eugénio de Castro.



JOÃO MARIA FERREIRA,  
que publicou um belo livro de versos, com o título  
«As minhas arestas»



Na festa de despedida dos Professores  
da  
**Escola Militar**  
Palavras proferidas  
pelo Sr. Coronel  
Mário de Campos

*Meu Ex.<sup>mo</sup> General e meus Camaradas:*

Duas palavras apenas.

Tendo dedicado à antiga Escola de Guerra — hoje Escola Militar — alguns anos da minha actividade docente, tendo-lhe consagrado o melhor da minha modesta intelligencia, o melhor do meu esforço, o que pude depurar de uma labuta scientifica sem tréguas, sinto que me não era talvez licito conservar-me silencioso no momento em que a deixo para sempre.

Mas os homens passam, e as coisas ficam, e eu olharei sempre para a instituição que servi o melhor que pude, como quem olha para um pedaço da alma que ali deixou.

Esta festa que nos reúne aqui é a demonstração bem visível do que há de permanente no sentimento que nos congrega.

Vão uns, veem outros, tudo se renova, só uma coisa permanece: o ideal da Pátria, que é imarcescível, e o sentimento do dever cumprido, que é a verdadeira recompensa dos que trabalham pelo seu país, seja em que esfera lór. Este sentimento de confraternidade é o melhor penhor do esforço colectivo e dos frutos que dele podem e devem esperar-se.

Levanto pois a minha taça para saudar V. Ex.<sup>a</sup> e os meus ilustres camaradas, irmanados nesta manifestação de solidariedade e de simpatia pelos seus antigos companheiros, entre os quais me ufano de ter occupado um lugar, ainda que esse lugar tenha sido o mais humilde de todos.

Pelas prosperidades de V.<sup>ra</sup> Ex.<sup>ta</sup>, pelo futuro da Escola que todos estremecemos, e pelo engrandecimento da Pátria e da República.

Tipos, Usos e costumes portuguezes:

## OS PERÚS DO NATAL

No Album de Esmeralda Saavedra Machado

Não é preciso consultar a folhinha do *Borda d'Agua*, nem espreitar, desfolhando, as pétalas do pequenino bloco do calendário, que como as de uma rosa qualquer, de jardim cuidado e mimoso, ou de sêbe de caminho estriado, vão caindo e morrendo—dia a dia caindo, no espaço lento dum ano para reconhecer as passadas do velho Natal que se aproxima, que na época própria vem bater-nos à porta... E' este glu-glu monótono dos perús que passeiam preguiçosamente pelas ruas de Lisboa que nos anuncia o Natal. Quando os perús apparecem, quando o saloio, carapuço á banda, calça apertada nos canelões, os traz daí dos arredores á ponta da sua vara, e o apregão ao apetite dos alfacinhas felizes — é porque o dia de Natal não anda longe!

Natal! Natal!...

E a gente ao ouvir este glu-glu monótono e tri-tonho lembra-se da nossa infancia, dos Natais da nossa Terra, que compreendiamos e amávamos melhor, porque então Jesus, pequenino e aconchegado no seu bercinho pobre, era quasi da nossa idade, era quasi um irmão... Só a pureza da infancia pode comp eender a alma doce do menino Jesus, humilde, pobresinho, no aconchego bento e morno duma arribana, que os Reis Magos visitam e os amimaes mansos e bons aque-

cem com o seu bafo e iluminam com a ternura dos seus olhos...

E o pregão, longo e nostálgico, do homem dos perús, acorda dentro do nosso coração uma doce saudade, uma saudade velhinha, em que ha ainda o sorriso duma criança, que era quasi da nossa idade, e que pela sua innocência, pela sua ternura, ela sua idade humilde, era mais do que um amigo, era mais do que um irmão!...

Aí vem o Natal!... Este glu-glu monótono, arrastado, dos perús, não sei porquê, enche-nos o coração duma vaga, duma grande e duma doce tristeza... Glu-glu... glu... glu... E tombam dentro do nosso coração as notas magoadas desta monótona cantilena, de versos mal medidos e de rima tão pob e...

Glu... glu... glu... glu...

O' homem dos perús, canta com mais alegria o teu pregão e com essa vara enxota o teu bando nostálgico de maneira que ele não ande tão arrastadamente por essas ruas, e não gorgoleje com tanta nostalgia o seu glu... glu... Dá-nos a illusão de que todos, na noite de Natal, os pobres e os doentes, tenham, como os ricos, também o seu Perú nas suas mesas.

Dezembro, de 1927.

Rebello de Bettencourt



Tipos populares portugueses — O Homem das Perus

## RESENHA DOS LIVROS:

**O Ano Literário**

Crónica do Ano - Novo  
por Adolfo Faria de Castro

Este frio Janeiro — mais do que frio, glacial! — que nos penetra o organismo em picadas de má disposição e de desalmado mau-humor, é o eterno prenúncio do furor do ano que entra e, curiosamente, vasculha a casa que vai ocupar durante doze meses consecutivos — e mais um dia que o pretérito 1927, que nunca se lembrou de ser bisexto. Esse 1927 entra na sonhada imortalidade da história e, daqui a dias, ninguém mais se lembrará do muito mal que nos fez e de todo o bem que nos negou. Ninguém terá para ele uma saudade — a mais pequena saudade. Todas as atenções incidirão sobre o sorridente 1928, alma cheia de promessas e de coisas maravilhosas. E, no entanto, é sempre bom recordar os dias caídos na ampulheta severa do Tempo; é mesmo conveniente, num fugidío olhar retrospectivo, trazer ao nosso espirito o ambiente literário de 1927. Existiu, na verdade, ambiente literário no cessante ano de 1927? Não; infelizmente, não. E esse mal, esse prejuízo mental, prossegue, não desanima. Não há prémios que estimulem, não há protecção oficial que secunde ou abrace qualquer iniciativa literária e — pior do que isso — não há publico leitor. A pesada percentagem de analfabetos esmagava a minoria que lê e o escol que escreve.

1927 não legou aos nossos dias acontecimento algum, denotando assombro. Mas, com um meio assim, que se há-de esperar? No entanto, há livros que merecem registo, há obras que me obrigam a ter uma certa consideração pelo espirito literário de 1927. Nem tudo nos levará a descreer, a perder a confiança, que tão necessária se torna no proceloso mar desta ingrata vida...

Raul Brandão enriqueceu a bibliografia insular com as impressões nostálgicas de «As Ilhas Desconhecidas».

O Dr. João de Barros trouxe da sua missão de Beleza e Arte ás fontes do helenismo as páginas vivas de «Grécia, Musa do Ocidente».

O dr. Brito Camacho, num volume simples, recortou descrições de «Jornada».

Eduardo de Noronha deu-nos dois livros: um com subsídios para a história do período de «Fontes Pereira de Melo» e outro com «Reminiscências do tablado».

Rocha Martins, além de «Pimenta de Castro, Ditador», publicou os últimos fascículos da sua importante «História do reinado de D. Carlos».

Delfim Guimarães, em sentidos e vibrantes

versos, falou do ritmo da sua alma e da «Alma Portuguesa».

Sousa Costa, com a elegância da sua prosa, traçou o romance duma carioca no «Amor 1.º, o cruel».

Manuel Ribeiro, extraiu da sua visita a terras alentejanas a beleza soberana da «Planície Heroica».

André Brun teve um volume póstumo: «A Sogra do Barba Azul» e Patrocínio Ribeiro um outro: «A Nacionalidade Portuguesa de Cristóvão Colombo».

Afrânio Peixoto, conquanto seja brasileiro, viu publicado o seu estudo camoneano «Dinamene».

Emília de Sousa Costa, tendo iniciado com êxito uma colecção infantil, nela publicou, após os «Contos do Joãozinho», «Castelos no ar» e «Perú Aviador»; e, igualmente, fez brilhar a pena nas «Cartas a uma brasileira».

Helena de Aragão reuniu, num volume só, os dois volumes de «Ruínas», o romance que tão apreciado foi pelas muitas leitoras da «Eva».

Aurora Jardim Aranha escreveu, em cores serenas, um «Romance Branco» e fez reeditar «Farrapos de vida viva».

Mercedes Blasco enfeixou pequenos perfis de figuras literárias e extra-literárias, dizendo-nos «Como elles são».

Duarte Lopes, com uma intenção de moral religiosa, levantou um altar a «Santa Rosa do Ermo».

António de Cértima, antes de partir para o seu lugar de consul em Dakar, publicou «O Ditador».

Ferreira de Castro continuou a sua vertiginosa produção, construindo as novelas vibrantes e sugestivas de «O vôo nas trevas».

Ema dos Santos Fonseca deu-nos um interessante volume sobre «A Arte do Canto», em que alia os seus conhecimentos literários ao culto duma arte bela. De estudos musicais é o livro com que Alfredo Pinto (Sacavem) comemorou o centenário de «S. Francisco de Assis». Pura elegia às seráficas virtudes do solitário umbriano, é a obrasinha em verso, de Clotilde Mateus, intitulada «O Pobr-sinho de Assis».

Laurindo Costa, proseguindo na sua colecção de estudos sobre a ourivesaria, deu-nos «As contrastarias em Portugal», trabalho que já analisei na «Esmeralda», a revista da especialidade.

Reedições houve poucas; lembro as de mais alguns volumes das «Farpas», de Ramalho, e a dos primeiros volumes da «História de Portugal», de Herculano.

Traduções não faltaram. A casa Bertrand reeditou «Corteza de Sagunto», «Jesuitas», «A Catedral», «Flôr de maio», «Por entre laranjais» e «Os mortos mandam», de Blasco Ibañes. A Fluminense iniciou a colecção dos romances do grande Guido da Verona com «A vida começa amanhã» e, igualmente, publicou a tradução da mais conhecida novela da prosadora mexicana, Maria Henriqueta «El secreto» (*O segredo*). As traduções da Casa Figueirinhas e da Livraria Civilização são inúmeras: mas há que destacar a «Colecção de hoje», iniciada em fins de 1926, e na qual tem sido divulgados autores notáveis como Alberto Insua, Clement Vautel, Pierre Benoit, Palácio Valdez, José Francés, Hernandez Catá e Hernandez Flores. Em outras colecções, tem a Livraria Civilização publicado diferentes romances e, para breve, se anuncia «No coração da vida», de Pierre Coulevain. A' secção editorial da «Alma Nova» pertence «O buco amor», sugestiva novela de Ramon Maria Tenreiro, cujo successo é notório. E em português publicou Enrique Molina, ilustre encarregado dos negócios de Cuba, a sua conferência sobre «Divulgações jornalísticas de Justo de Lara», sobre a qual apenas direi que me foi confiada, pela sua muita amizade, a tradução, que saiu num folheto excessivamente gralhado.

Dois factos há a assinalar: a «Semana do Livro Brasileiro», iniciativa levada a efeito no Porto, devido à intelligência do decidido livreiro portuense Fraga Lmares; e a «Exposição de Ex-libris», que tam dilatado êxito alcançou e de que foi alma Luis Derouet, cruelmente assassinado, e a quem devo a honra da inclusão, na separata publicada pela Imprensa Nacional, do artigo que sobre o assunto escrevi na «Ilustração».

Há mais dois livros de que tenho conhecimento: — um é «A Nova Guerra e a Artilharia», páginas magnificas de actualidade, cinjidas pelos conhecimentos de tática militar do seu autor, o tenente Mateus Moreno; o outro livro é aquele em que o dr. Guerreiro Murta nos diz «Como se aprende a estudar», ao qual um outro segue (*Como se aprende a conversar*), para início brilhante do ano de 1928.

Quanto a 1927, é o que me cumpre assinalar, sob o aspecto literário. A minha estante não me convida a mais.



## Obras recebidas:

(*Impressões críticas de Mateus Moreno*)

Os Lusíadas e o Povo Português, I — No vocabulário, pelo Prof. Dr. M. F. do Estanco Louro.

O autor pretendeu neste seu livro curiosissimo provocar a íntima e apaixonada aliança entre o Povo e os Lusíadas — «o cofre sacrosanto de tôdas as nossas glórias, o símbolo, a

cristalização pura de todos os sentimentos do povo português, das nossas aspirações, da nossa civilização», como regista; «o Livro dos Portugueses», «a nossa Bíblia», como insiste.

Ao aspecto e carinho com que propugna aquella aliança, não é inferior a meticulosidade scientifica a que, com trabalho improbo, rigorosamente, se submeteu e com a qual mostra, já ago a irrefutavelmente um dos aspectos até hoje mui pouco conhecidos do livro imortal. — A *linguagem popular, o português puro do nosso povo* «que pena e labuta» tem nos Lusíadas um lugar de absoluto destaque. O autor inventariou 375 palavras (exceptuadas as flexões) que têm a forma popular — forma que é exclusiva em mais de metade delas. A afirmação nua de que os Lusíadas são um livro puramente erudito fica assim desfeita; mostra-se ainda que é absolutamente falso o outro conceito vulgar de que Camões latinizou a nossa lingua — factos que o autor aproveita para afirmar que é mais curto do que se pensa o caminho que o povo tem que percorrer para chegar à compreensão do Poema.

Propugna — e honra lhe seja, porque é ne esário — por que este caminho se aplane: «ao menos por justiça» pela memória do grande épico; por que as edições do Poema s jam uma cópia fiel da 1.ª edição, actualizando-se apenas a ortografia e a pontuação.

E' o primeiro trabalho de estilometria na Literatura Portuguesa e tem uma conclusão de uma actualidade flagrantissima: Camões não precisou de neologismos desnecessários para atingir o sublime, no estilo; bem ao contrário de escritores de hoje, sobretudo brasileiros, que vão inçando a lingua de neologismos arripantes, e... estragando-a.

E' um livro que notabiliza o autor, discípulo durante três anos na Cadeira de Estudos Camonianos — que é uma honra para o seu grande mestre, o Sr. Dr. José M. Rodrigues, e que é indispensável para todos os que desejem ler conscienciosamente a nossa Bíblia.

A edição, muito bela, é do autor, sendo depositários a Livraria Pacheco da R. do Mundo, n.º 79, e a «Alma Nova.»

As A'guas termas das Alcaçarias do Duque — pelos Srs. Prof. Charles Lepierre e Dr. Ascensão Contreiras. Lisboa, 1927.

O dr. Ascenção Contreiras, nosso velho amigo e ex-camarada de redacção, é um clínico especializado em hidrologia e doenças nervosas, que apesar de bastante novo ainda, já conseguiu conquistar as melhores sympathias no campo medico.

A Ex.<sup>ma</sup> Administração da Casa Cadaval, escolhendo-o para director clínico do estabelecimento termal «As Alcaçarias do Duque», ha pouco reaberto ao público, procedeu com muito acerto. Antes de reabertas as preciosas termas, foi espalhada a pequena brochura e que nos referimos hoje e em que o dr. Ascenção Contreiras faz

a historia daquelas antiquissimas aguas e analisa as suas virtudes terapêuticas.

**Subsídios para a História da Gravura em Portugal**, — por Luís Chaves, — Edição da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Luís Chaves, pasciente etnógrafo e operoso erudito, é um dos melhores valores da geração moderna, no domínio das sciencias históricas.

A história da Arte portuguesa deve-lhe já algumas contribuições muito apreciáveis, e agora mesmo o jovem investigador lhes acaba de tributar um novo trabalho, a todos os títulos excelente. Intitula-se «Subsídios para a história da gravura em Portugal, e são cêrca de 200 páginas em optimo papel, acompanhadas de várias gravuras em separata reproduzindo estampas antigas.

O livro divide-se em três partes, que se subdividem nos seguintes capitulos: 1.<sup>a</sup> — A gravura e a Imprensa; 2.<sup>a</sup> — A Academia Real da Historia; 3.<sup>a</sup> — Colecção de Gravuras.

2.<sup>a</sup> Parte: I — Lista de alguns Gravadores; II — Escola de desenho e gravura.

3.<sup>a</sup> Parte: I. — Significado dos «Registos de Santos», II. — Romarias Internacionais; III. — A Evolução dos «Registos»; IV. — Gravura de de um registo de Santos com os retratos de D. João V; V. — A degeneração dos desenhos e gravuras do Mestre; VI. — «Registos» ex-votos; VII. — Gravadores de «Registos»; VIII. — Litógrafos de «Registo»; IX. — Editores, Fabricantes, Oficinas de «Registos de Santos». Notas.

O penúltimo trabalho de Luís Chaves, *Os baristas portugueses*. (Nas escolas e no povo), igualmente editado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, foi também, como o presente, um livro que não só muito honra a colecção da Imprensa editou, mas propriamente a Arte portuguesa.

**Um sábio português: O professor Vergílio Machado**, — pelo Dr. Arlindo Camilo Monteiro.

O erudito autor do «Amor Sáffico e Socrático» e de «El Peccato Nefando in Portugallo ed il Tribunale dell' Inquisicine» é não só um medico distintissimo mas um dos nossos mais conscienciosos, cultos e elegantes escritores de assuntos de investigação e médico-juridicos. A sua prosa é leve fácil, sem deixar de ser trabalhada; e os seus estudos suggestionaram sempre pelo interesse geral que nos revelam e pela forma exaustiva como os assuntos são neles tratados.

O trabalho sobre o illustre e saudoso professor Vergílio Machado, que o autor nos acaba de remeter com imercida dedicatória, é uma biografia que marca nos anais das letras pátrias e que honra tanto o homenageado como o homenageador. Apressando-se a pagar-lhe o seu tributo de gratidão, encerra assim o seu trabalho o dr. Arlindo Monteiro, referindo se ao sábio pro-

fessor: «Foi a sua vida exemplo de amor da verdade e da investigação scientifica, à qual rendeu generoso tributo, e bem digna é por isso, a sua memória não só pelas homenagens da pátria, como também do feito reverente dos estudiosos da sciência.»

**«Os meus livros de Orações»**, — por João Maria Ferreira, Lisboa, 1927.

Outro nome sobre o qual nos é grato deixar hoje aqui registadas algumas considerações, é o do autor de «Os meus livros de Orações», sr. João Maria Ferreira — um poeta de feição mística, por vezes bastante emotiva, que já não carece de apresentação, porque a sua obra poética abundante e vasta, tem sabido conquistar os melhores louvores de muitas e categorizadas penas do jornalismo e das letras, como o falecido e primoroso poeta Dr. Xavier da Cunha e os srds. Alfredo Pinto (Sacavem), espirito culto duma sensibilidade requintada e autor de muitos e apreciados trabalhos; José Agostinho, jornalista e historiador literário operoso e erudito; Nuno Catarino Cardoso, um dos nossos melhores autologistas contemporaneos; Pe. Nunes Tavares, antigo colaborador de «A Vanguarda»; Edurisa brilhante jornalista do Porto, e tantos outros.

Um lamentável mal entendido trouxe afastado da «Alma Nova», durante mais de 3 anos, o illustre homem de letras a que hoje nos referimos.

Adquirida, porém, a convicção de que nestas páginas se procura sempre fazer acima de tudo justiça, o escritor pôs de lado injustificáveis melindres e voltou a remeter-nos os seus livros. Muito obrigado pela decisão.

Nesse triênio, o sr. João Maria Ferreira publicou, afora «Os meus livros de Orações», mais dois curiosos volumes: «Cantigas», envolvido numa linda capa de João Carlos e «Cronicas e Notas de Viagem», compilação de artigos de jornal.

Falemos das «Orações». Abre o autor o livro com a explicação, em felizes sonetos, da devisa que escolheu para o seu Ex-libris: *Por Deus, Com Deus, e Para Deus*. O poeta consegue comunicar-nos a sua religiosidade íntima; e heis quanto basta para o recomendar.

As restantes páginas são as Orações da gente humilde e simples, como a «Oração da Montanha» o «Padre Nosso», a «Ave Maria», «Salvé Rainha» e o «Bemdito», são duas lindas preces a «Nossa Senhora da Agonia», de Viana, por assim dizer estilizadas em pincladas poeticas de uma cor que não fere apenas a retina, mas que se nos comunica á alma.

João Carlos e D. Constança Machado, ilustraram o livro com algumas composições felizes.

«Os meus livros de Orações» podemos assim dizê-lo, é um dos melhores trabalhos do sr. João Maria Ferreira.

—  
No próximo n.º: Auto-críticas — Irene e Ilda.

## RESENHA ARTÍSTICA:

## O TEATRO

Três acontecimentos de pólpa assinalaram a temporada artística depois da nossa última crónica: a inauguração dos concertos sinfónicos, a vinda de Johann Strauss e as récitas da companhia Italiana de declamação de Ema e Irma Gramática. Cada um destes acontecimentos marca um aspecto de arte e todos eles significam esforço pela dificuldade que representa em qualquer a sua realização. O público lisboeta, pretenciosamente desconfiado, quasi abandonou, por completo, os espectáculos da companhia Italiana, embora nos concertos sinfónicos e nos serões straussianos tivesse sido mais solícito e expansivo.

E' evidente, que a par dum «crescendo» de interesse por todas as manifestações musicais, caminha um flagrante albeiamente por exhibições do teatro declamado.

O gosto pela música toma dia a dia um inludível incremento, que contrasta com a quasi indiferença pelo teatro.

NOGUEIRA DE BRITO

N. R. — Devido ao forçado atraso deste número, não são publicadas, por extemporâneas, as referências críticas aos acontecimentos no corrente trimestre ocorridos.

## Cartaz do mês:

NACIONAL — Fechado.

S. CARLOS —

S. LUIS — A's 21 — «A Princesa do Circo»

TRINDADE — A's 21.15 — «O branco e o preto»

GIMNASIO — A's 21.30 — «O Rosário»

POLITEAMA — A's 21 — «O ferreiro de aldeia» e «O Excentrico».

AVENIDA — A's 21.30 — «Aqua-pé».

APOLO — A's 20.30 e ás 22.30 — «A Severa».

EDEN TEATRO — A's 20.30 e 22.30 — «Rosas de Portugal»

MARIA VICTORIA — A's 20.30 e 22.30 — «200 contos».

VARIEDADES — A's 20.45 e 22.45 — «Sedas y flores», (Companhia Espanhola).

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Companhia de circo.

SALÃO FOZ — A's 15 e ás 21 — Variedades e cinema

TIVOLI — A's 21 — Animatógrafo.

ODEON — A's 21 — Animatógrafo, A Grande Parada.

SALÃO CENTRAL — A's 15 e ás 20.30 Animatógrafo.

OLIMPIA — Cinematógrafo e concerto.

CHIADO TERRASSE — 20.30 — Animatógrafo.

## m a r i n h a s

I

**A** balada p'ra pesca. O Sol-Artista,  
Ardendo-lhe a paleta com as côres,  
Deita-a na onda: e a onda cria flôres  
Para as lançar de novo ao Luminista.

Freme o pincel ultra-violeta. Ardores.  
Além, corvo marinho, a minha vista,  
Longínqua, sonha palpitar na crista  
Dum mar de Turner... Eia, pescadores!

Também quero vogar aos quatro ventos,  
Melanizando ao sol os tegumentos,  
A boca a rir num júbilo escarlate...

Para o mar, para as ondas... Leva a táboa  
Do meu berço infantil, e, à beira d'água,  
Calafeta calões, ó Calafate! ..

Estoi

II

**N**egro roaz, tal o calão balança.  
O chloreto do mar, espuma travo.  
(Boiam vozes de naufragos). Avança  
O atum — o filho do Oceano bravo...

— «Ao massacre, ao massacre» — o homem pravo  
Clama vingança contra o mar. Vingança!  
E o sol dardeja fero; e até eu cravo  
O aço das pupilas na matança...

Rasga-se a bruma em algodões e gaze  
Pensando os monstros — carnes copejadas,  
Sangue, tinta hemorrhágica, pagã...

E o aflitivo mar, pela hemostase,  
Abre no ar as ondas nickeladas,  
— As pinças nickeladas de Pean!

EMILIANO DA COSTA

# A ARTE E O RISO

## PREFÁCIO

DO

## LIVRO

### O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo

Por SAAVEDRA MACHADO

RAFAEL BORDALO PINHEIRO E O RISO. — ESBOÇO DO RISO ATRAVÉS DA FILOSOFIA, DA MEDICINA, DOS CANCIONEIROS, DE ALGUNS CLÁSSICOS E DE LOCUÇÕES POPULARES.—QUALIDADES DOMINANTES NO ARTISTA.—SAAVEDRA MACHADO E O SEU ESTUDO.

**D**A vasta produção do artista de amplos recursos e assinalado mérito que foi Rafael Bordalo Pinheiro, resalta, expresso com exuberante relevo, o propósito de fazer rir. Admirador de Xavier de Novais, cuja veia satírica e de improviso zombeteiro grangeara renome, apreciava o convívio de literatos, cultivadores audazes e joviais do humorismo, ironia e facécia, entre outros, nomeadamente, Júlio Cesar Machado e Guilherme de Azevedo, e nutria a paixão da vida do palco, bem manifesta em seu alvoroçado entusiasmo pelos actores célebres do tempo.

E, dessas influências e naturais pendores, surge o seu talento, por ingénita vocação inclinado a exteriorizar a idéa e a imagem em formas plásticas, resolutamente orientado segundo esta directriz, quasi por êle convertida em missão de alcance social — provocar o riso.

Nos domínios da sua actividade artística, ninguém, de-certo, conseguiu entre nós realizar com maior êxito o seu intento.

Rafael Bordalo fez estremecer a frouxos de riso as ilhargas e proeminências abdominais dos seus contemporâneos, arrepanhou-lhes a face na convulsão da gargalhada e, já de lábios repuchados e bôca escancarada, espremeu-lhes, por entre os olhos a faiscar, os sacos lacrimais, pondo-lhe, através de tregeitos e ademanes peculiares, a variada mecânica muscular em vibração.

A uns afastou-lhes ainda com leveza os risórios e zigomáticos, na expressão de sorriso, enquanto a outros imprimiu aquela máscara contrafeita dos que se reconhecem alvo da troça, pilhéria ou crítica — a do riso amarelo.

Foi mestre de primeira plana em gerar essa descarga ideo-motora e reflexa que encraspa em actividade a musculatura facial, a da fonação e a respiratória, essa parcela anímica e de cambiantes fugazes, que se tornou o enlévo de vários filósofos, desde Aristóteles e Cícero até o poético Bergson.

Andando a arte e o riso muitas vezes juntos, tentou a filosofia tomar êste à sua conta, para insinuar que, embora lhe chamassem grave, sabia entrefer-se com a própria imagem da travessura. E levou avante seu capricho, conseguindo, no desdobraimento de interpretações e

conjecturas, provar ainda à evidência que, num todo de naturalidade despreocupada de leve suspeita, realizava, de quando em quando, com o riso, prodígio análogo ao de Monsieur Jourdain com a prosa.

Ainda bem que os filósofos, encarando-o cada qual sob certo aspecto especioso, lhe não conseguiram desvendar a essência íntima, pois, tentariam, apenas surpreendida e logo cristalizada numa fórmula, infligir à humanidade a condenação de morrer, não no estrebuchar de incontinente gargalhada, mas de tédio, fabricando um rir contrafeito, mecânico e artificial, ferido para sempre de morte o verdadeiro naquele dos seus mais característicos atributos — o da imprevisível espontaneidade.

Voltaire, possivelmente inspirado pelo senso crítico de Cícero, arremessa aos pesquisadores do encantado tesouro esta ironia: «Ceux qui savent pourquoi cette espèce de joie, que excite le rire, retire vers les oreilles le muscle zygomatique, l'un des treize muscles de la bouche, sont bien savants!»

Entretanto, não se eximiu a disreputar sobre alguns dos seus predicados e, de acordo com outros indagadores de segredos naturais, chega a esta conclusão: «O riso é atributo do homem». Os animais, alguns tão amigos de folguedos, embora pela sua mímica hajam sugerido curiosos elementos à nomenclatura do riso — verbi gratia o riso canino e o horse-laugh britânico, não riem; mas choram, poderia aventar-se. Perdão, nem riem nem choram — afirma o autor do Dictionnaire Philosophique, em cântico uníssono com Rabelais.

O riso, ao longo do curso cristalino das teorias a que deu origem, sob a sua varinha de feitiço, deixa reflectir a fisionomia e até a índole particular de seus observadores.

Enquanto Platão, Aristóteles e Hobbes o reconhecem como expansão do orgulho aliada a certa malignidade em deprimir o semelhante, inspirando, por este modo, a teoria da degradação apurada e desenvolvida por Alexandre Bain — Darwin e Spencer consideram-no mero problema de fisiologia, Pascal, Bossuet e Laménais chegam a condená-lo por nocivo à dignidade humana e, alfin, na escala dos comentadores do riso, Mr. Penjou, que devia ser um idólatra da liberdade, nele vislumbra a expressão do seu ídolo.

Schopenhauer, que se recreia no aspecto divertido do encontro da tangente com a circunferência e o apresenta para exemplo sugestivo do risível, assim reduzido a uma figuração geométrica — descortina neste processo dínamo-psíquico da actividade humana a impertinente mestra da razão, consoante lhe chama, de súbito colhida em confuso embaraço e forçada a confessar sua fraqueza ou ainda, por outras palavras, a vitória da intuição sobre o pensamento abstracto.

Para Renouvier traduz a fuga do espírito à severidade daquela importuna orientadora e certo grau de loucura intencional, voluntária e mansa: «l'animal risible faisant le lou», e vários a identificam à própria razão, ao passo que Mélinand acode expressivo: «c'est la joie spéciale de retrouver la raison dans l'absurde» — delineando, por estes dizeres, a teoria da discordância, mercê da qual no conteúdo diáfano do riso esvoaça a scentelha da idéa inquieta de absurdo.

Herbert Spencer, no meio de tantas opiniões divergentes, decide-se afoitamente pela interpretação do riso traduzida na fórmula sintética de uma «discordância descendente». Stendhal, ao divagar entre subtilezas, declara, sentencioso, admitir apenas o riso alegre e despreocupado «des petites pensionnaires». E Descartes — cujas teorias filosóficas, baseadas nas especulações da física e da geometria, exerceram notória influência na medicina do século XVII, e que, tentando resolver o problema da velhice, veio a morrer aos 54 anos de uma pleurisia, diagnosticada, no seu fóro íntimo, de reumatismo, e abandonado, afinal, do seu médico, intransigente às originalidades clínicas e terapêuticas do filósofo — imaginava o riso na dependência de mau funcionamento do baço e presumia tal género de doentes propensos em excesso tanto à tristeza como à alegria.

Para uns, ainda, é choque de idéas antagónicas, surpresa seguida de movimento de alívio, contradição, insensibilidade, repetição, fenómeno resultante de saúde moral ou física, de sociabilidade, antipatia, simpatia, ou ambas as coisas simultaneamente.

Agora forceja Mr. Michiels em lhe atribuir função moralizante, possivelmente inspirado na divisa do sugestivo conceito castigat ridendo mores, mas logo adverte insinuante Mr. Laprade a revelar que nem a própria virtude ou grandeza moral permanecem inacessíveis a suas arremetidas.

Ao passo que uns, a exemplo de Chamfort, o preconizam de válida atitude de espírito, tendente a prevenir e suavizar a amargura, outros o consideram aprazível jogo ou divertido exercício. Enquanto Ribot, por entre a sua variada morfologia, julga-o não redutível a uma única causa, denomina-o Dugas, no enalço do Mestre, ao versá-lo com meticulosidade, mero epi-fenómeno, para, em último termo, chegar a esta conclusão negativista: «Il n'est object point proprement de science».

(Continua)

Arlindo Camilo Monteiro

# Província -- Ilhas -- Colónias

## IMPRESSÕES DUMA VIAGEM AOS AÇORES



Fotografia tirada pelo Sr. Victor Cruz, representando uma empolgante vista panorâmica das Furnas, junto dum estabelecimento de banhos sulfureos.

Da esquerda para a direita: 1.º Sr. Belo, o nosso Redactor, o Sr. Guilherme de Moraes, a gentil filhinha do Sr. Victor Cruz, 2.º Sr. Abílio Nunes, o seu Filho Harland, Sr. Francisco e Silva (Médico do «Vasco da Gama») e um aspirante de Marinha.

O Périplo dos Açores, realizado em Setembro do ano findo pelo cruzador «Vasco da Gama», foi extremamente rápido para que eu pudesse colher os necessários elementos de estudo, conforme era meu desejo. Serviu-me, no entanto, para adquirir uma ideia de conjunto e gravar no meu espirito as mais belas e perduráveis impressões.

Não me sendo possível, dada a índole desta revista, desenvolver todos os aspectos que observei, limito-me, por agora, a mencionar apenas alguns factos altamente demonstrativos das excellentes qualidades e atributos do povo açoreano.

Desejo, pois, testemunhar a minha consideração e profundo reconhecimento aos Açoreanos ilustres que tão galhardamente me receberam, comprovando mais uma vez os seus tradicionais predicados de cavalheirismo e hospitalidade.

Antes, porém, devo agradecer ao Ex.º Ministro da Marinha, capitão de mar e guerra sr. Agnelo Portela, e ao prestigioso comandante do cruzador «Vasco da Gama», capitão de mar e guerra sr. Magalhães Correia, a gentilíssima deferência de permitirem que eu fizesse esta viagem estudo a bordo daquêlê cruzador. E, bem assim aos distintos Ajudantes do sr. Ministro da Marinha e Officiais da Guarnição do «Vasco da

Gama», agradeço as provas da maior estima que tão obsequiosamente me dispensaram.

### Ilha Terceira — 11 de Setembro.

Após quatro dias de esplêndida viagem chegava o cruzador «Vasco da Gama» a esta formosíssima Ilha.

2 horas da Tarde — Céu perfeitamente limpo. Mar cristalino, dum azul misterioso. Na nossa frente, vai-se deliniando a Ilha Terceira seguindo o barco, suavemente, mesmo em direcção á Praia da Vitória.

Divisa-se, primeiro, uma orla de vegetação e, depois, as casinhas brancas, tendo ao meio a Igreja com as suas torres altaneiras. Vamos contornando a Ilha e observando os seus aspectos mais característicos, os vários fortes e povoações, como a Feteira, São Pedro, etc.

Navegando entre o Ilheu das Cabras e o Monte Brasil, avistamos, ao longe, a Ilha de São Jorge que parece espreguiçar-se por sobre o oceano.

Estamos observando nitidamente, o Monte Brasil, o Castelo de São João Baptista e, por fim, a gloriosa cidade de Angra do Heroísmo. Desde o Monte Brasil até á vila de São Mateus a encosta é muito arborizada, fazendo lembrar os Estoris.

Lá muito ao longe, na linha do horisonte, já se divisa a Ilha do Pico, emergindo do oceano. E, na direcção da ponta da Serreta avista-se também a grande distancia, a Ilha Graciosa.

Pôr do Sol! E' magnificante o espectáculo que a Natureza nos oferece. O sol, que tem sido tão nosso amigo, permitindo-nos admirar as incomparáveis belezas destas ilhas, principia a despedir-se. Estamos na hora da Saudade! Faixas de nuvens começam a distender-se por sobre a Ilha de São Jorge. E a breve trecho vai o astro-rei sendo envolvida por estas nuvens, deixando espargir através delas os seus raios de variadas côres. Deslumbramento! Como hóstia consagrada, o sol apresenta-se-nos á nossa veneração, na custódia aurifulgente da Ilha de São Jorge. E em toda a sua volta estão-se formando línguas de fogo, de côr escarlata e alaranjada. Atmosfera diáfana. As últimas scintillas de luz fazem-se reflectir nas ondas argêntas e cristalinas do mar. Uma gaviota, vinda do poente, dirige-se para o barco, a trazer-nos a última saudação do Sol deste dia que foi para nós tão carinhoso permitindo-nos gosar os variados aspectos destas ilhas encantadas.

Momento solene! E' a formatura da *faina!* Officiais e praças, com as suas fardas brancas, cada qual vai formar no seu posto. Silêncio em todo o navio, toca a sentido! E todos se perfilam, em continência, ao arrear da bandeira. A nossa alma deixa-se possuir de misticismo, de fé e de júbilo. Afonso Henriques, D. Dinis, Santa Izabel, Nun'Alvares, o Infante de Sagres, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Camões, D. Sebastião... e tantos outros "em quem poder não teve a morte"! Heróis e Santos — vieram reencarnar-se na pessoa destes valorosos Marinheiros que aqui estão junto de mim e naquelas almas simples e cavalheirescas do povo açoreano, que lá em terra nos aguarda!

Em frente do "Vasco da Gama", já muito perto, a cidade de Angra parece abrir os seus braços para nos receber. As luzes estão acesas, como cirios ardendo em nossa homenagem. Ouve-se o estrelajar dos foguetes. Alguns barquinhos veem-se aproximando com pessoas que nos querem sa. dar.

E como apoteose do quadro mais surpreendente que os nossos olhos poderiam ver, ergue-se, magestosamente, a lua cheia, em todo o seu esplendor. E' a maravilha suprema! Tudo nos infunde espiritualidade, harmonia, divino encantamento!

12 de Setembro (Domingo).

Na Ilha Terceira não sei o que admirar mais se os seus encantos panorâmicos e as nobilissimas tradições históricas de Angra do Heroísmo, se a fidalguia de todo este povo que me recebe

com extrema afabilidade, prestando-me todos os esclarecimentos e atenções. Uma senhora gentilíssima, a quem perguntei se poderia visitar a Catedral, imediatamente se ofereceu para me acompanhar e servir de cicerone. Falou-me com proficiência, da história da Sé, fazendo-me realçar a sua grandeza architectónica e pondo em relêvo a figura moral e intelectual do Reve.<sup>mo</sup> Bispo dos Açores, D. António de Castro Meireles.

Impressiona muito bem o aspecto da cidade de Angra, com as ruas bem alinhadas e asseadas. As casas, caiadas de branco, apresentam o caracter das antigas casas e solares portugueses. Aproveitei a manhã para, muito rapidamente, visitar a cidade, a fortaleza de São João Baptista e subir ao Monte Brasil, observando a Caldeira e os surpreendentes panoramas que deste Monte se disfrutam.

De tarde, com alguns Officiais de Marinha, realizei um excelente passeio de automóvel á Serreta, linda povoação a cerca de 50 k.<sup>m</sup> de Angra. Durante todo o trajecto encontramos muitas povoações com as suas casinhas brancas, donde raparigas formosas e toda esta boa gente nos dirigiam entusiásticas aclamações. Peões, automóveis e carrinhos de todos os feitios cruzavam-se na estrada, transportando romeiros de Nossa Senhora dos Milagres.

Na Serreta, por esta época, reúnem muitas famílias de Angra, da Praia da Victória e de vários outros pontos, para fazerem o seu veraneio e assistirem ás várias festas religiosas e ás tão características touradas á corda. Por um feliz acaso, encontrei dois colegas, meus contemporâneos da Faculdade de Direito, o Dr. Rodrigues, conceituado notário e advogado em Angra, e bem assim, o dr. Arruda, chefe do Registo Civil na Praia da Victória; e ainda um jovem angrense, o distinto estudante da Faculdade de Direito, sr. Gualter Cardoso, que me forneceu alguns elementos acerca dos costumes e predicados da gente da sua terra. Outro facto se deu na Serreta, que eu não devo olvidar. Foi a maneira extremamente gentil como se digou receber-nos, na sua residência, o rev. Pároco sr. P.<sup>o</sup> António Cardoso. Também aqui se encontrava o sr. P.<sup>o</sup> Costa Ferreira, illustre Redactor do jornal de Angra "A União", para onde enviou uma noticia muito amável sobre a missão de estudo que eu andava fazendo e os votos que formulei pelo ressurgimento nacional, pelo revigoramento das energias latentes da nossa raça, que a geração nova, iluminada pelos salutaros principios da crença e do patriotismo, ha-de saber conduzir aos mais gloriosos destinos.

(Continua)

M. Gomes dos Santos

## C O L A B O R A Ç Ã O

No próximo número publicaremos a que fôra anunciada para este e que por falta de espaço tivemos de retirar

Victoriano Braga

---

**L U A**  
**D E**  
**M E L**

*(Comédia em 1 acto)*



RESSURGIMENTO

1 9 2 8

A  
Jean Sarment

e

M.<sup>me</sup> Sarment  
(Marguerite Valmond)

# LUA DE MEL

(Comédia em 1 acto)

Naquelle enganar d'alma lèdo e cego  
Que a fortuna não deixa durar unido

Camões

Personagens pela sua ordem de entrada em scena:

TIMOTEO e FELIPA . . . . Velhos criados

ISABEL e CARLOS . . . . Jovens noivos

Sala de um velho solar de provincia: por entre o antigo mobiliário vêem-se já alguns móveis adaptados às comodidades modernas. Uma porta larga ao fundo, dando para um patamar guarnecido de balaustres de pedra, que se supõe comunicar com o pátio do palácio por duas escadas laterais; mais duas portas: uma à direita, outra à esquerda da scena. E' ao cair da tarde. Ouvem-se as campainhas e os chocalhos do gado. Um pastor ensaia na flauta uma melodia triste.

---

Instantes depois do pano ter subido. TIMOTEO entra em scena pela direita, ficando junto da ombreira, sustentando o reposteiro, sem se curvar, até que FELIPA tenha também entrado.

FELIPA, entrando e agradecendo a delicadeza de Timoteo — Muito obrigada... (Como a continuar uma conversa interrompida — Eu, se não fóra a saudade dos meus netos, sentia-me aqui tão bem como lá.

TIMOTEO — Pois eu, sr.<sup>a</sup> Felipa, e mais não tenho ninguem que lá me chame, também já não desgostava de voltar...

FELIPA — Isto por aqui é triste e quem está acostumado à cidade...

TIMOTEO — Diz bem, sr.<sup>a</sup> Felipa, diz bem... A cidade sempre é outra coisa...

FELIPA — A's vezes, sr. Timoteo, depois do almoço, dá-me assim o sono... Eu então vou, sento-me no poial da janela, e, como o palácio fica no caminho do cemitério, a contar os enterros e a rezar por alma dos que lá vão... passa o tempo num abrir e fechar de olhos...

TIMOTEO — Diz bem, sr.<sup>a</sup> Felipa! A cidade tem muitas distracções... outros divertimentos!

FELIPA, em tom confidencial — Quere que lhe diga uma coisa, sr. Timoteo?

TIMOTEO, com curiosidade — Diga, diga.

FELIPA — Nunca acreditei que os meninos aqui se demorassem tanto tempo! Já casaram há mais de dois meses e ainda não falam em se retirar...

TIMOTEO, com ar de entendido em questões de coração — Foi um namoro de muitos anos... por isso não admira. Apanbaram-se agora sós... E' deixá-los... Foi sempre assim!

FELIPA — Ainda ontem de manhã, quando os meninos se levantaram — de manhã!? eram duas horas da tarde! — perguntei eu à menina se ainda aqui nos demoravamos...

TIMOTEO — E então?

FELIPA — Sabe o que me respondeu? Que nem pensavam ainda em se ir embora e que talvez nunca mais fossem! Já é!...

TIMOTEO — E' deixá-los... é deixá-los, sr.<sup>a</sup> Felipa! Eu não lhe digo?...

FELIPA, com ar confirmado, vago, concordando — Pois é, sr. Timoteo, pois é...

TIMOTEO, num tom muito reservado, confidencial — Já os pais do menino... (Emendando) do sr. D. Carlos, para aqui vieram também passar

a tal... luz de mel, como elles lhe chamam, e cá estiveram... (Recordando) se não foram três meses, olhe que pouco faltou, sr.<sup>a</sup> Felipa!

FELIPA, depois de uns instantes de reflexão, com o ar vago que lhe é familiar, tristemente—Tanta loucura... tanta sofreguidão no principio, para depois...

TIMOTEO, interrompendo—Diz bem...

FELIPA, continuando a sua ideia—... para depois cairem naquella... naquella cerimonia, e passarem enfiados o resto da vida!

TIMOTEO, numa explosão de assentimento—Diz bem... diz muito bem, sr.<sup>a</sup> Felipa! (Com o ar solene de quem diz uma verdade de peso)—O casamento é uma coisa muito séria!

FELIPA, consternada, pelo triste destino da humanidade com relação ao casamento—Se é!

TIMOTEO, animado pelo accordo de Felipa com as suas ideias—O tempo tudo apaga...

FELIPA, interrompendo—E' uma verdade!

TIMOTEO, como inspirado, querendo seguir o proprio raciocínio, mas demonstrando uma grande dificuldade em exprimir-se—E—tudo—não são só os desgostos!... O tempo, também, apaga... (Hesita) Também apaga... a... o...

FELIPA, acudindo à falta de eloquência de Timoteo—Ora aí é que está o mal do casamento!

ISABEL e CARLOS, subindo a correr as escadas do do pátio; ella, pela da esquerda; elle, pela da direita, param, ofegantes, no patamar. Ao verem Felipa e Timoteo em doce colloquio, escondem-se por detraz das ombreiras da porta, deixando vêr só as cabeças.

ISABEL, brincando, para Felipa e Timoteo—Bonito!... Apanhados!... Eu já andava desconfinda!

Felipa e Timoteo, a meio da scena, olham um para o outro, com o maior embaraço, retomando, depois, o animo pouco a pouco.

CARLOS, na mesma atitude de Isabel, para Timoteo — Mas, então, vamos lá a saber: quantos noivos há cá em casa?!

TIMOTEO, emendando com delicadeza — O sr. D. Carlos e a sr.<sup>a</sup> D. Isabel... Eu sou viuvo e vossa excelência bem o sabe.

ISABEL — E a Felipa também é viuva... logo pódem muito bem estar noivos um do outro!

FELIPA, repreendendo-a, muito maternalmente, como se o fizesse a uma criança — Olhem se já viram tamanho disputério!

ISABEL, garota — Pois sim! Chama-lhe disputério...

FELIPA — Decerto que é; e mal eu me encontro com a mãezinha, logo lhe faço queixa!

ISABEL, fingindo assustada e imitando uma voz de criança, abraça-a com ternura — Ai, não! não! Não façam queixa Felipa, que eu não torno a dizer que estás noiva do Timoteo!

TIMOTEO, baixo, para Carlos — E eu, não demora muito que não conte à senhora Dona Isabel o que se passou na sua ceia de despedida de solteiro...

CARLOS, aflito deveras — Tu não fazes isso!

TIMOTEO — Ai não, que não faço! (Num tom paternal de censura) Foi uma pândega mesmo desenfreada... vergonhosa!...

CARLOS, beliscando Timoteo no braço — Tu calas-te ou não?!...

ISABEL, curiosa, soltando-se de Felipa — Que foi Timoteo? Que foi que o Carlos não quer que tu digas?!

TIMOTEO, com ligeiro embaraço — Nada, não foi nada, senhora senhora Dona Isabel... Estava eu aqui a dizer ao senhor Dom Carlos... uma coisa que ele não quer ouvir...

ISABEL, com brandura, brincando — Isso é péta, Timoteo!

**TIMOTEO** — Eu nunca minto, minha senhora... (Noutro tom, gaguejando para ganhar tempo) Estava eu dizendo ao senhor Dom Carlos... que o tempo já vai refrescando e... e que a cidade tem... para noivos abastados, como vossas excelências, grandes atractivos!...

**FELIPA**, reforçando a afirmação — Se tem!...

**ISABEL**, incrédula — O' Carlos, é verdade?... Era isso o que o Timoteo te estava a dizer?

**TIMOTEO**, com mal disfarçada malícia — Isso! Pergunte vossa excelência ao senhor Dom Carlos e verá se lhe minto.

**CARLOS**, mostrando naturalidade -- Sim, era... era quasi isto...

**TIMOTEO**, olhando para Carlos de revés — Se não foi bem o que eu disse, talvez que puxando pela memória possa dizer tal qual...

**CARLOS**, acudindo — Não é preciso... Foi tal qual o que disseste...

**TIMOTEO**, gozando o triunfo — Ah!... eu bem me parecia!

**ISABEL**, lançando os braços em volta do pescoço de Carlos e olhando-o com amor — Que a cidade tem grandes atractivos!?... Mas o teu único atractivo, não sou eu, meu amor?!

**CARLOS**, muito terno — Mas de-certo! Nada no mundo me atrai... de nada no mundo eu preciso mais do que de ti, minha pequenina!...

Esquecidos de que os dois velhos estão presentes, dão um longo beijo que dura até à saída de Felipa e de Timoteo.

**TIMOTEO**, para Felipa que se tem aproximado d'ele, olhando os noivos de soslaio, como que envergonhado, caminhando para a porta da esquerda, e muito baixinho — E' deixá-los!...

**FELIPA**, concordando, e apressando o passo como para evitar ver maior expansão amorosa, por entre os lábios — Pois é...

ISABEL, depois do beijo, caindo numa poltrona, espreguiçando os braços e abrindo a boca — O' Carlos, tu não tens sono? . . .

CARLOS, com surpresa — Quê?! . . . Já?! Pois tu já queres deitar-te?! . . . (Rindo) Repara que ainda não jantámos!

ISABEL, caindo em si — Ah! . . . E' verdade! ainda não jantámos! (Decidida) Chama o Timoteo e pergunta-lhe por que não jantamos hoje . . .

CARLOS — O' minha filha, porque almoçámos às quatro e são só oito horas!

ISABEL, surpreendida — Oh! . . . que diferente tu estás! No primeiro mês eras tu sempre . . . (Sorrindo e fingindo-se amuada) eras tu sempre . . . o primeiro a ter sono! (Esconde a cara).

CARLOS, sorrindo e afagando-a — Ah! isso foi por causa da mudança de ares . . .

ISABEL, olhando-o com vivacidade — Ah, foi?! . . . Então vamos viajar muito . . . correr muitas terras e . . . e estar só um mês em cada uma, sim? . . .

CARLOS, muito terno — Enquanto o ar me fizer sono, não é, pequenina?

ISABEL, muito mimosa, infantil, escondendo o rosto na mão de Carlos — E' . . . (Uma pausa, e depois, levantando-se de súbito, como assaltada por uma ideia aflitiva) — Não! . . . não! . . . Não quero viajar! . . . Quero aqui estar sempre! . . . Não quero ver mais ninguém! . . . Não quero que ninguém te veja . . .

CARLOS, muito terno — Amor pequenino! . . . Tontinha!

ISABEL — Não sou tontinha, não! (Com um ar vago e como quem recorda qualquer facto triste) — Eu ainda me lembro do que sofria no tempo em que nos namorávamos e não podia estar sempre ao pé de ti . . . Quando saías lá de casa à noite, depois do jantar, fugia da sala para ir



A APARECER:

SAAVEDRA MACHADO

# O DESENHO E AS MULHERES

no labor artístico de Rafael Bordalo

Com Illustrações do glorioso artista

Prefácio do

Dr. Arlindo Camilo Monteiro



Edição da Coop. Tip. Editora  
"RESSURGIMENTO"  
T. André Valente, 7—1.º E. Lisboa.

Livro de grande interesse para as Escolas, para os Artistas e para o Povo.

A obra completa consta de três belos tomos e custa apenas 30 Esc.

Cada tomo, primorosamente ilustrado, 10 Esc.

Aos srs. assinantes dos 3 tomos [pagamento adiantado] faz-se o desconto de 10,º.

— EDIÇÃO LIMITADA — NÃO DEMORE A INSCRIÇÃO —